PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E DO FEMINICÍDIO: CONTRIBUIÇÕES DA *FONDAZIONE GIULIA CECCHETTIN*

Daniele Araújo do Rosário / Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Daniela Finco / Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Resumo

Este trabalho analisa as contribuições da *Fondazione Giulia Cecchettin* para o desenvolvimento de práticas educativas voltadas ao enfrentamento das violências de gênero e à prevenção do feminicídio. Criada em 2024 na Itália, após o feminicídio da jovem Giulia Cecchettin, a fundação promove a educação sexual e afetiva como principal ferramenta de prevenção contra a violência de gênero. Defende que ensinar sobre consentimento, respeito, igualdade e gestão emocional desde a pré-escola é fundamental para erradicar os estereótipos culturais que alimentam o feminicídio. Atua por meio de campanhas de conscientização, materiais pedagógicos, projetos educativos e ações formativas desenvolvidas em parceria com o Ministério da Educação italiano, buscando promover uma cultura baseada no respeito, na igualdade de gênero e na desconstrução de estereótipos. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e documental, fundamentada na análise de documentos, protocolos e materiais produzidos pela fundação, bem como no levantamento de estudos e pesquisas sobre educação, gênero, patriarcado e feminicídio. Ao aproximar experiências italianas do contexto brasileiro, a pesquisa busca ampliar o debate sobre o papel da educação no enfrentamento do feminicídio e oferecer subsídios para práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social. As análises apontam que iniciativas como a *Fondazione Giulia Cecchettin* fortalecem o papel da escola como espaço privilegiado de formação cidadã. Evidenciam o potencial de associações articuladas com instituições educacionais e respaldadas por políticas públicas para a prevenção das violências de gênero e do feminicídio, por meio da promoção da igualdade de gênero, do respeito às diferenças, da desconstrução de estereótipos sexistas e da construção de uma cultura de direitos humanos e justiça social.

Palavras-chave: Direitos humanos; Educação sexual e afetiva; Feminicídio; Violência de gênero.

Introdução

A violência de gênero constitui uma problemática social que atravessa diferentes espaços e relações, manifestando-se de distintas formas e afetando, de maneira particular, mulheres e meninas. Entre suas expressões mais extremas encontra-se o feminicídio, compreendido como o assassinato de mulheres motivado por razões relacionadas à condição de gênero. Embora represente o desfecho mais extremo de um processo de violência, o feminicídio não pode ser analisado de maneira isolada, uma vez que está relacionado a

desigualdades, relações de poder e padrões sociais que historicamente estruturam as relações entre homens e mulheres.

Nesse contexto, discutir o enfrentamento das violências de gênero implica considerar também as possibilidades de prevenção. A escola ocupa um lugar relevante nesse debate por constituir um espaço de formação e socialização no qual crianças e jovens constroem conhecimentos, valores e formas de se relacionar com outras pessoas. As relações de gênero também estão presentes no cotidiano escolar, seja por meio das expectativas atribuídas a meninas e meninos, da reprodução de estereótipos, das diferentes formas de participação nas atividades ou das maneiras pelas quais os sujeitos são ensinados a expressar sentimentos e comportamentos.

A educação, portanto, pode contribuir tanto para a reprodução de desigualdades quanto para sua problematização e transformação. A partir dessa perspectiva, torna-se necessário pensar em práticas pedagógicas que possibilitem questionar concepções naturalizadas sobre os papéis de gênero, promover relações baseadas no respeito e contribuir para a construção de uma cultura de igualdade. Essa discussão assume especial importância quando se considera que os processos de socialização relacionados ao gênero têm início desde a infância e são atravessados por diferentes instituições e relações sociais.

É nesse cenário que se insere a *Fondazione Giulia Cecchettin*, criada após o feminicídio de Giulia Cecchettin, ocorrido na Itália em 2023. A instituição desenvolve ações voltadas à prevenção da violência de gênero e atribui à educação um papel central nesse processo, disponibilizando materiais e recursos direcionados à reflexão e à formação de diferentes públicos, incluindo o contexto escolar. A fundação vem construindo projetos educativos para lidar com o aumento da violência e da cultura patriarcal que contribui para matar meninas e mulheres diariamente. Projetos que procuram promover a educação afetiva e sexual, que visa apoiar vítimas de violência de gênero, tendo como proposta discutir abertamente o machismo e a necessidade de um diálogo entre homens e mulheres sobre esses temas[1]. A escolha da *Fondazione Giulia Cecchettin* como objeto de estudo está relacionada à possibilidade de compreender como uma iniciativa constituída no contexto italiano articula educação, prevenção da violência de gênero e enfrentamento do feminicídio. O estudo de suas propostas permite refletir sobre o papel atribuído à escola e aos processos educativos na construção de relações mais igualitárias, bem como sobre possíveis contribuições para o

[1] Reportagem: Gino Cecchettin luta contra a violência de gênero após feminicídio da filha na Itália https://www.portaltela.com/noticias/politica/2025/05/08/gino-cecchettin-luta-contra-a-violencia-de-genero-apos-feminicidio-da-filha-na-italia/

debate educacional brasileiro. A escolha deste tema se justifica pela urgência de fortalecer práticas educativas que contribuam para prevenir violências contra mulheres desde a infância e adolescência. Ao analisar os materiais, orientações e propostas formativas da *Fondazione Giulia Cecchettin,* é possível identificar estratégias concretas que podem inspirar a realidade brasileira e ampliar o repertório de ações adotadas em escolas públicas e privadas.

Além disso, há uma crescente demanda social e acadêmica por pesquisas que articulem educação e gênero, especialmente diante do avanço de discursos que tentam silenciar ou deslegitimar o debate sobre desigualdades e direitos das mulheres nas instituições educativas. Diante disso, este trabalho buscou analisar as contribuições da *Fondazione Giulia Cecchettin* para o enfrentamento das violências de gênero e do feminicídio, considerando especialmente as ações e os materiais relacionados à educação e à prevenção. Busca-se compreender de que maneira a experiência da instituição evidencia possibilidades de atuação da escola na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção de relações pautadas pelo respeito e pela igualdade.

Para problematizar tais questões temos como base referencial teórico que aborda as dimensões sociais, políticas e discursivas que constituem as identidades de gênero e sexualidade. Esse referencial parte da compreensão de que gênero não é um dado biológico, mas uma construção social e histórica, permeada por relações de poder e por normas que determinam o que é considerado legítimo ou desviante dentro de uma determinada cultura. Nesse sentido, o referencial teórico deste trabalho apoia-se em autores e autoras que problematizam as normas de gênero, o papel das instituições educativas e as possibilidades de transformação social a partir da escola e da gestão democrática.

As contribuições de Heleieth Saffioti (1987; 2002; 2010), Judith Butler (2018), Guacira Lopes Louro (1997), Berenice Bento (2011), Cláudia Vianna (2020), Silva, Faria e Finco (2019), Claudia P. Viana (2020) e Heloisa Buarque de Almeida e Carlos Eduardo Henning (2024) possibilitam compreender a violência de gênero e o feminicídio como fenômenos estruturais, socialmente produzidos e sustentados por relações desiguais de poder. Esses referenciais também permitem discutir o papel da escola na reprodução ou na transformação dessas desigualdades, aspecto central para a análise desenvolvida ao longo deste trabalho. A investigação articula essas contribuições teóricas aos materiais produzidos e indicados pela Fundação, buscando compreender não apenas o que é disponibilizado, mas também os sentidos e as possibilidades educativas presentes em suas propostas.

A pesquisa, assim, parte da compreensão de que o enfrentamento do feminicídio não deve ocorrer somente após a concretização da violência, mas também por meio de ações

preventivas capazes de questionar as estruturas e os padrões que sustentam as desigualdades de gênero. Nessa perspectiva, investigar experiências que colocam a educação no centro da prevenção contribui para ampliar a reflexão sobre a responsabilidade e as possibilidades de atuação da escola diante dessa problemática.

2. Fundamentação Teórica

A discussão sobre o papel da educação no enfrentamento das violências de gênero exige compreender que essas violências não ocorrem de maneira isolada, mas estão relacionadas a formas de organização social e a relações de poder que produzem e reproduzem desigualdades. Nesse contexto, discutir gênero, escola e educação permite deslocar a compreensão da violência de uma perspectiva exclusivamente individual para uma abordagem que considere os processos sociais e culturais envolvidos em sua produção. Para este trabalho, a fundamentação teórica está organizada em três movimentos articulados. Inicialmente, discute-se a construção social das relações de gênero e sua relação com as desigualdades e as violências. Em seguida, aborda-se a escola como espaço de socialização e de produção das diferenças. Por fim, discute-se o papel da educação na prevenção das violências de gênero, considerando a formação dos sujeitos e as possibilidades de atuação dos profissionais da educação.

2.1 Gênero, desigualdades e violência

As relações de gênero são constituídas socialmente e atravessadas por normas, expectativas e práticas que orientam os modos de ser e de se relacionar. Ao discutir gênero e sexualidade no campo da educação, Louro (1997) chama atenção para o fato de que as diferenças não são simplesmente dadas ou naturais, mas são produzidas e significadas no interior de diferentes relações sociais e culturais. Essa compreensão permite questionar a ideia de que determinados comportamentos, características ou papéis seriam naturalmente próprios de mulheres ou homens. A perspectiva de gênero, portanto, possibilita compreender que as desigualdades são construídas e mantidas por meio de processos sociais. As expectativas relacionadas ao que significa ser homem ou mulher podem limitar possibilidades de existência e estabelecer posições diferenciadas para os sujeitos. No âmbito das relações sociais, essas construções também podem contribuir para a naturalização de hierarquias e desigualdades.

Essa discussão é aprofundada por Saffioti (2001), ao analisar a violência de gênero a partir das relações de poder presentes na sociedade. Para a autora, a violência contra as mulheres não pode ser compreendida apenas como resultado de conflitos individuais, pois está relacionada a uma estrutura social marcada por desigualdades. Dessa forma, a violência

de gênero deve ser compreendida considerando as condições sociais que favorecem sua reprodução.

A partir dessa perspectiva, o feminicídio pode ser entendido como uma das expressões mais extremas da violência contra as mulheres, mas não como um fenômeno isolado das demais formas de violência. Antes de sua manifestação letal, podem estar presentes diferentes situações de controle, desigualdade, ameaça, violência psicológica, física ou sexual. O enfrentamento do feminicídio, portanto, também envolve a capacidade de reconhecer e enfrentar as formas de violência que o antecedem. A compreensão da violência como fenômeno relacionado às desigualdades de gênero amplia, assim, as possibilidades de prevenção. Se as violências são atravessadas por valores, comportamentos e relações socialmente construídos, seu enfrentamento não pode ocorrer somente depois que a violência se concretiza. É necessário também questionar os padrões que contribuem para sua naturalização e criar espaços de reflexão sobre igualdade, respeito e formas de convivência.

Nesse sentido, discutir gênero constitui uma dimensão importante para pensar a prevenção. A problematização dos estereótipos e das expectativas associadas aos papéis de gênero permite questionar comportamentos que, muitas vezes, são apresentados como naturais ou inevitáveis. A educação pode participar desse processo justamente por possibilitar que esses padrões sejam discutidos e ressignificados.

2.2 A escola como espaço de construção das relações de gênero

A escola ocupa um lugar importante nos processos de socialização e formação dos sujeitos. Além dos conhecimentos formalmente ensinados, o cotidiano escolar é atravessado por relações, práticas, normas e expectativas que também participam da construção das identidades e das formas de convivência. Nesse sentido, compreender a escola como espaço de construção das relações de gênero exige observar não apenas o que é explicitamente ensinado, mas também aquilo que é transmitido por meio das práticas cotidianas.

As instituições escolares participam da produção das diferenças e das identidades de gênero. A organização dos espaços, as expectativas dirigidas aos estudantes, as formas de participação e os comportamentos considerados adequados podem comunicar diferentes concepções sobre masculinidades e feminilidades. Assim, a escola não está fora das relações sociais que produzem desigualdades, mas também pode constituir um espaço para questioná-las (Louro, 1997).

Essa dimensão pode ser observada nas próprias experiências escolares. Ao longo da escolarização, crianças e jovens entram em contato com diferentes discursos sobre comportamentos, corpos e relações. Quando determinados padrões são valorizados e outros

são silenciados ou considerados inadequados, a escola pode contribuir, ainda que de maneira não intencional, para reforçar diferenças e desigualdades. Bento (2011) problematiza justamente os processos pelos quais a escola produz e regula diferenças. Sua contribuição permite compreender que as desigualdades não se manifestam apenas em situações explícitas de discriminação, mas também em práticas aparentemente cotidianas que estabelecem normas sobre os sujeitos e suas formas de existir.

Essa compreensão também é desenvolvida por Silva, Faria e Finco (2019), ao defenderem que o machismo e as desigualdades de gênero são aprendidos e reproduzidos desde a infância, por meio de práticas cotidianas que, muitas vezes, parecem naturais ou inofensivas. As autoras argumentam que a educação das crianças pequenas constitui um espaço privilegiado para a construção de relações mais igualitárias, uma vez que é nesse período que valores, comportamentos e formas de convivência começam a ser constituídos. Nesse sentido, propõem pedagogias emancipatórias e descolonizadoras capazes de questionar estereótipos de gênero, promover o respeito às diferenças e a prevenção das violências de gênero.

Se a escola participa da formação dos sujeitos e das relações que eles estabelecem, ela também pode criar oportunidades para que estereótipos e desigualdades sejam questionados. A educação, nesse sentido, não deve ser compreendida como uma solução isolada para a violência, mas como uma possibilidade de atuação preventiva que integra um conjunto mais amplo de ações sociais. A atuação dos profissionais da educação ocupa um papel importante nesse processo. Educadores estão cotidianamente envolvidos em situações de convivência, conflitos, discriminação e construção de relações. Por isso, sua formação pode contribuir para que sejam capazes de reconhecer situações de desigualdade e violência e de desenvolver práticas que favoreçam relações baseadas no respeito.

A formação docente também é destacada por Dello Preite (2024), que relaciona as competências dos profissionais da educação à promoção de relações mais igualitárias entre os gêneros. Essa perspectiva reforça que o trabalho educativo voltado à prevenção das violências não depende apenas da existência de materiais ou propostas pedagógicas, mas também da preparação dos profissionais que irão desenvolver e mediar essas ações. A escola, portanto, apresenta uma dupla possibilidade. Por um lado, pode reproduzir concepções e práticas que reforçam desigualdades; por outro, pode criar condições para que essas mesmas concepções sejam problematizadas. É justamente nessa tensão que se encontra uma de suas possibilidades de atuação no enfrentamento das violências de gênero.

2.3 Educação e prevenção das violências de gênero

Pensar a educação como estratégia de prevenção das violências de gênero significa compreender que ações preventivas não devem começar apenas quando uma situação de violência já foi identificada. A prevenção também envolve a construção de conhecimentos, valores e formas de convivência que contribuam para questionar desigualdades e favorecer relações baseadas no respeito. Nesse processo, a escola pode desenvolver ações que abordem diferentes dimensões das relações humanas, incluindo respeito às diferenças, igualdade de gênero, educação emocional, reconhecimento de situações abusivas e desconstrução de estereótipos. Essas discussões podem assumir diferentes formatos e utilizar recursos diversos, considerando as características dos sujeitos e os contextos em que as práticas educativas são desenvolvidas.

A formação dos profissionais da educação constitui, novamente, uma dimensão fundamental. Dello Preite (2024) destaca a importância da formação e das competências docentes para a promoção de relações igualitárias entre os gêneros, indicando que a prevenção exige profissionais preparados para abordar essas questões de maneira crítica e responsável.

Da mesma forma, Bonfanti e Gomes (2018) problematizam as consequências de não discutir gênero no espaço escolar. A ausência dessa discussão não significa neutralidade, pois as relações de gênero continuam presentes no cotidiano e podem permanecer naturalizadas quando não são problematizadas. Nesse sentido, criar espaços de diálogo e reflexão pode contribuir para que estudantes reconheçam desigualdades e desenvolvam outras formas de compreender as relações. A prevenção, portanto, não se resume à transmissão de informações sobre as violências. Ela envolve a possibilidade de refletir sobre as condições que favorecem sua reprodução. Trabalhar com crianças e jovens questões relacionadas ao respeito, à igualdade, aos sentimentos e aos limites pode contribuir para ampliar a compreensão sobre as relações e para questionar comportamentos que naturalizam diferentes formas de violência.

Essa perspectiva também ajuda a compreender a importância dos materiais educativos. Recursos pedagógicos, livros, filmes, guias e outros materiais podem funcionar como instrumentos de mediação para abordar temas que, muitas vezes, são complexos ou difíceis de discutir diretamente. Quando acompanhados de uma mediação pedagógica adequada, esses recursos podem favorecer o diálogo e a reflexão crítica. É nesse ponto que se situa o interesse desta pesquisa pelos materiais disponibilizados pela *Fondazione Giulia Cecchettin*. A análise desses recursos permite observar como diferentes linguagens e estratégias são mobilizadas para tratar de questões relacionadas às relações de gênero, à igualdade e à prevenção das violências. Mais do que identificar materiais disponíveis, interessa compreender quais

possibilidades educativas eles apresentam e de que maneira podem contribuir para práticas de sensibilização e prevenção.

A educação, nesse sentido, não deve ser compreendida como responsável isoladamente pelo enfrentamento das violências de gênero. A escola integra uma rede mais ampla de relações e instituições, e a prevenção depende também de políticas públicas, serviços de proteção, famílias e comunidade. Entretanto, por seu papel na formação dos sujeitos e na construção das relações sociais, a escola pode contribuir para processos de transformação. Assim, a educação pode atuar preventivamente ao criar espaços em que as desigualdades sejam nomeadas, os estereótipos sejam questionados e diferentes formas de convivência possam ser construídas. Essa atuação não elimina, por si só, as violências de gênero, mas pode contribuir para modificar concepções e práticas que participam de sua reprodução. A partir dessa perspectiva, os materiais educativos analisados neste trabalho são compreendidos como recursos que podem apoiar processos de formação e sensibilização. Sua contribuição está relacionada não apenas aos conteúdos que apresentam, mas também às possibilidades de diálogo, reflexão e mediação pedagógica que podem produzir nos diferentes contextos educativos.

3. Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise documental de materiais relacionados à prevenção das violências de gênero e à educação, disponibilizados e/ou indicados no site da *Fondazione Giulia Cecchettin* (https://fondazionegiulia.org).

A pesquisa realizou o levantamento e análise qualitativa dos materiais produzidos e disponibilizados em seu portal institucional, bem como de documentos, diretrizes e projetos pedagógicos voltados à prevenção das violências de gênero. A análise buscou compreender as dimensões simbólica, discursiva e política desses materiais, identificando princípios, abordagens e estratégias formativas que orientam as ações da Fundação.

O portal apresenta uma estrutura organizada em seções dedicadas à apresentação institucional, projetos, recursos educativos e iniciativas de mobilização social, reunindo informações voltadas tanto ao público em geral quanto a pesquisadores e profissionais. Destaca-se a seção "Risorse", que funciona como um repositório digital de materiais sobre violência de gênero, igualdade de gênero e educação para a prevenção. Nela estão disponíveis documentos institucionais, relatórios, diretrizes, guias para profissionais, materiais educativos e uma ampla bibliografia organizada por temas como violência de gênero, masculinidades,

educação, literatura infantojuvenil e direitos das mulheres. A organização desses recursos evidencia uma proposta interdisciplinar de formação e sensibilização, oferecendo subsídios para a atuação de educadores, profissionais de diferentes áreas e instituições comprometidas com a promoção da igualdade e a prevenção das violências de gênero. O levantamento contemplou diferentes tipos de materiais, incluindo documentos, guias, recursos educativos e outros conteúdos relacionados à temática investigada.

A seleção e a organização dos materiais foram realizadas considerando sua pertinência para a discussão sobre o papel da educação na prevenção das violências de gênero. A Tabela 1 apresenta a sistematização dos materiais que compõem o corpus da pesquisa, organizados de acordo com suas características e possibilidades de utilização no campo educativo. Após o levantamento, os materiais foram submetidos à leitura e análise qualitativa, buscando identificar conteúdos, concepções e estratégias relacionadas às questões de gênero, às desigualdades e à prevenção das violências. A análise considerou tanto os conteúdos apresentados nos materiais quanto suas possibilidades de utilização em contextos educativos. A interpretação dos dados foi organizada a partir de eixos temáticos construídos durante o processo de leitura dos materiais. Esses eixos possibilitaram observar recorrências e aproximações entre os diferentes recursos analisados, considerando especialmente: a discussão das relações de gênero e das desigualdades; a abordagem das violências de gênero; as estratégias de prevenção e sensibilização; e as possibilidades de atuação da educação e dos profissionais da área.

As informações identificadas durante o processo de análise foram sistematizadas em tabelas, com o objetivo de organizar e visualizar os materiais e os principais aspectos observados. Dessa forma, as tabelas apresentadas no capítulo de resultados não constituem apenas uma listagem dos materiais, mas funcionam como instrumentos de sistematização do corpus e dos aspectos identificados durante o processo analítico. A partir desse percurso, a análise buscou compreender de que maneira os materiais selecionados abordam as violências de gênero e quais possibilidades apresentam para o desenvolvimento de ações educativas voltadas à prevenção, à sensibilização e à construção de relações mais igualitárias.

4. Resultados e discussão

Os materiais disponibilizados no site da *Fondazione Giulia Cecchettin* apresentam diferentes recursos relacionados à educação, à formação e à sensibilização para a prevenção das violências de gênero. O conjunto analisado reúne materiais institucionais, recursos educativos, referências bibliográficas, produções cinematográficas, projetos, campanhas e

informações relacionadas à proteção e ao enfrentamento das violências. A diversidade de formatos identificada permite observar diferentes possibilidades de abordagem da temática, contemplando desde a formação e a informação até propostas de reflexão e sensibilização.

Tabela 1 - Materiais analisados

Categoria	Materiais	Temáticas	Finalidade
Documentos e materiais institucionais	Estatuto, código de ética, carta de valores, protocolos e relatórios	Valores, direitos humanos e atuação institucional	Transparência e consulta
Guias, cartilhas e materiais educativos	Guias, cartilhas e materiais de orientação	Violência de gênero, relacionamentos abusivos e prevenção	Formação e prevenção
Recursos para orientadores	Orientações, sugestões de leituras, filmes e obras literárias	Igualdade, estereótipos, feminicídio, educação emocional e masculinidade	Formação docente e práticas pedagógicas
Bibliografia Temática	Guias, manuais, ensaios, pesquisas, depoimentos e documentos	Violência, assédio, educação, masculinidades, comunicação e diversidade	Fundamentação e formação
Projetos e campanhas	Projetos educativos e campanhas de conscientização	Prevenção, igualdade e enfrentamento da violência	Sensibilização e mobilização
Legislação e serviços	Referências legislativas e indicações de serviços especializados	Direitos, proteção e apoio	Informação, orientação e encaminhamento

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Conforme apresentado na Tabela 1, os materiais selecionados contemplam diferentes formatos e possibilidades de utilização, abrangendo recursos destinados à formação, à sensibilização e ao trabalho pedagógico. A diversidade do corpus evidencia uma proposta de prevenção que ultrapassa a abordagem da violência apenas em sua dimensão punitiva, buscando atuar também sobre aspectos culturais e sociais relacionados às desigualdades de gênero.

O corpus documental analisado foi organizado em três conjuntos principais: materiais e projetos educativos, produções cinematográficas indicadas para diferentes públicos e referências bibliográficas agrupadas por eixos temáticos. A organização desses conteúdos permitiu identificar diferentes possibilidades de abordagem das violências de gênero, desde a educação emocional e a desconstrução de estereótipos até discussões sobre masculinidades,

relações de poder, comunicação e enfrentamento das violências. A análise dos materiais foi desenvolvida a partir de três eixos articulados: conteúdos e possibilidades pedagógicas; concepções de gênero e desigualdade; e práticas de prevenção e enfrentamento das violências de gênero.

4.1 Conteúdos e possibilidades pedagógicas

Entre os materiais analisados, destacam-se recursos destinados à sensibilização e à educação de crianças, adolescentes, famílias e profissionais da educação. A diversidade dos conteúdos indica uma compreensão ampliada da prevenção, que não se limita à transmissão de informações sobre violência, mas envolve a construção de conhecimentos e atitudes relacionadas ao respeito, à igualdade e à convivência. Os recursos educativos apresentam possibilidades de utilização em diferentes contextos e etapas da escolarização. A presença de materiais direcionados à infância evidencia a possibilidade de abordar as relações de gênero desde os primeiros anos, considerando que os processos de socialização e a construção de expectativas relacionadas ao gênero se iniciam precocemente.

Nesse conjunto, a educação emocional ocupa lugar relevante. A possibilidade de trabalhar sentimentos, empatia, comunicação e resolução de conflitos pode contribuir para que crianças e jovens desenvolvam recursos para expressar emoções, estabelecer limites e construir relações mais respeitosas. A presença de diferentes formatos e linguagens amplia as possibilidades de trabalho pedagógico. Livros, filmes, documentos e materiais de apoio podem ser utilizados como disparadores para debates, atividades coletivas e processos de reflexão.Também se identificam materiais voltados à formação e ao apoio de educadores. Esses recursos podem contribuir para ampliar a capacidade dos profissionais de reconhecer situações de desigualdade e violência, bem como para desenvolver práticas pedagógicas que problematizem estereótipos e favoreçam relações mais igualitárias.

4.2 Concepções de gênero e desigualdade

Os materiais analisados apresentam uma compreensão das violências de gênero relacionadas às desigualdades sociais e culturais. A presença de conteúdos sobre estereótipos, masculinidades, relações de poder e igualdade evidencia uma preocupação em questionar padrões construídos socialmente.

A seleção de materiais voltados à desconstrução de estereótipos permite observar uma preocupação em problematizar modelos rígidos de masculinidade e feminilidade. Essa abordagem é relevante para a prevenção porque comportamentos associados à dominação, ao controle e à desigualdade podem ser naturalizados quando determinados padrões de gênero

são apresentados como inevitáveis. A presença de materiais relacionados à diversidade também amplia essa discussão. Ao considerar diferentes experiências e identidades, os recursos possibilitam questionar concepções normativas e reconhecer diferentes formas de desigualdade e violência.

Assim, os conteúdos analisados permitem compreender as violências de gênero não como fenômenos exclusivamente individuais, mas como situações relacionadas a processos sociais mais amplos, nos quais desigualdades e estereótipos são produzidos e reproduzidos.

4.3 Práticas de prevenção e enfrentamento das violências de gênero

Os documentos analisados indicam que a prevenção é apresentada como um processo contínuo, que deve ocorrer antes da concretização das formas mais extremas de violência. Essa perspectiva desloca o foco exclusivo da punição e do atendimento às vítimas para ações educativas capazes de atuar sobre fatores culturais e sociais relacionados às desigualdades de gênero.

Os materiais destinados à infância e à adolescência indicam a possibilidade de iniciar esse trabalho desde os primeiros anos de escolarização. A abordagem preventiva pode envolver discussões sobre respeito, igualdade, sentimentos, limites, relações interpessoais e reconhecimento de diferentes formas de violência. A formação dos profissionais da educação também aparece como elemento relevante. Para que ações preventivas sejam desenvolvidas, é necessário que os educadores estejam preparados para identificar situações de discriminação e violência, acolher demandas e desenvolver intervenções pedagógicas adequadas.

Outro aspecto observado é a necessidade de articulação entre escola, família e sociedade. A prevenção das violências de gênero não pode ser atribuída exclusivamente à instituição escolar, uma vez que os processos de socialização ocorrem em diferentes espaços. A escola, contudo, pode constituir um ponto de articulação entre diferentes sujeitos e instituições, promovendo espaços de diálogo e reflexão.

Tabela 2 - Categorias de análises e principais dados

Categoria de análise	**Elementos identificados**	**Possibilidades para a escola**
Conteúdo Pedagógico	Guias educativos, cartilhas, materiais de apoio, projetos educativos, filmografia e referências bibliográficas.	Subsidiar práticas pedagógicas, debates, atividades de sensibilização e formação de educadores.
Concepções de Gênero	Igualdade de gênero, estereótipos, masculinidades, violência de gênero, feminicídio, educação emocional, respeito à diversidade, cidadania e direitos humanos	Problematizar papéis e estereótipos de gênero e favorecer relações baseadas no respeito e na igualdade

Práticas de enfrentamento	Sensibilização, educação para a igualdade, formação, prevenção da violência, reflexão sobre relações e articulação com redes de proteção.	Atuar preventivamente desde a infância e fortalecer a capacidade da escola de reconhecer e enfrentar situações de violência.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

A Tabela 2 sintetiza os principais elementos identificados a partir dos três eixos de análise, evidenciando que os materiais produzidos pelas instituições investigadas convergem para uma abordagem preventiva da violência de gênero fundamentada na educação, na promoção dos direitos humanos e na valorização da igualdade de gênero desde a infância. Em conjunto, os resultados indicam que os recursos analisados articulam diferentes dimensões da prevenção, combinando conteúdos pedagógicos, processos formativos, estratégias de sensibilização e orientações para a atuação das instituições educativas.

No que se refere ao conteúdo pedagógico, observa-se uma diversidade de materiais destinados a apoiar o trabalho de educadores e educadoras, tais como guias didáticos, cartilhas, planos de atividades, materiais audiovisuais, literatura infantil, filmografias comentadas e referências bibliográficas. Esses recursos oferecem subsídios teórico-metodológicos para a incorporação da temática da igualdade de gênero nos currículos escolares, favorecendo a realização de projetos interdisciplinares, rodas de conversa, atividades de leitura e reflexão crítica. Além disso, contribuem para ampliar o repertório dos profissionais da educação, fortalecendo práticas pedagógicas comprometidas com a construção de ambientes escolares mais inclusivos e acolhedores.

A categoria concepções de gênero reúne os referenciais teóricos e conceituais presentes nos materiais analisados, que compreendem gênero como uma construção social e histórica, enfatizando a necessidade de desconstruir estereótipos e normas que sustentam relações desiguais entre meninas e meninos. Destacam-se temas como igualdade de gênero, masculinidades, violência de gênero, feminicídio, educação emocional, diversidade, cidadania e direitos humanos. Esses conteúdos indicam uma compreensão ampliada da prevenção, que ultrapassa ações pontuais ou reativas, propondo processos educativos permanentes voltados à formação de sujeitos capazes de reconhecer, questionar e transformar práticas discriminatórias e violentas.

Já a categoria práticas de enfrentamento evidencia que a prevenção da violência de gênero é concebida como responsabilidade coletiva, envolvendo ações contínuas de sensibilização, formação de profissionais, fortalecimento da educação para a igualdade e articulação entre escola, famílias e redes de proteção social. Os materiais ressaltam a importância de desenvolver estratégias preventivas desde a Educação Infantil, reconhecendo a

escola como espaço privilegiado para promover relações baseadas no respeito, na empatia e na valorização das diferenças. Também enfatizam a necessidade de qualificar educadores para identificar situações de violência, acolher crianças e adolescentes e encaminhar os casos aos serviços competentes, reforçando o trabalho intersetorial.

De forma integrada, essas categorias demonstram que os materiais analisados compreendem a prevenção da violência de gênero como um processo educativo que articula conhecimento, reflexão crítica e ação pedagógica. Mais do que oferecer informações sobre diferentes formas de violência, os documentos propõem a construção de uma cultura de igualdade, respeito e não discriminação, reconhecendo que o enfrentamento da violência depende da transformação das relações sociais e dos padrões culturais que legitimam desigualdades de gênero.

Considerações Finais

A análise dos materiais educativos da *Fondazione Giulia Cecchettin* evidencia que a educação ocupa papel estratégico na prevenção das violências de gênero, não como única responsável por esse enfrentamento, mas como espaço privilegiado para a formação de sujeitos e a construção de relações pautadas na igualdade, no respeito e nos direitos humanos. Os recursos analisados articulam sensibilização, formação, informação e propostas pedagógicas, abordando temas como igualdade de gênero, estereótipos, masculinidades, educação emocional, diversidade e cidadania. A variedade de materiais, como guias, cartilhas, recursos audiovisuais e atividades, amplia as possibilidades de atuação dos educadores e fortalece práticas educativas voltadas à valorização das diferenças.

Os resultados reforçam a importância de iniciar ações preventivas desde a infância e de investir na formação docente, compreendendo a prevenção como um processo educativo contínuo e compartilhado entre escola, famílias, políticas públicas e redes de proteção. Conclui-se que a experiência da *Fondazione Giulia Cecchettin* demonstra o potencial dos materiais pedagógicos para apoiar práticas de prevenção que, mais do que responder às situações de violência já ocorridas, contribuem para transformar os processos sociais e culturais que sustentam as desigualdades de gênero, reafirmando a escola como um espaço fundamental para a promoção da convivência democrática e menos violenta.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Heloisa Buarque de; HENNING, Carlos Eduardo. (orgs.). *Desafios e resistências em gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo* [livro eletrônico], Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2024.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BONFANTI, Ana Letícia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 9, p. 105-121, 2018.

DELLO PREITE, Francesca. Prevenire la violenza maschile sulle donne: la formazione e le competenze del corpo docente per promuovere relazioni intergenere paritarie. *Annali online della Didattica e della Formazione Docente*, Ferrara, v. 12, n. 20, p. 318-332, 2024. Disponível em: https://annali.unife.it/adfd/article/view/2895. Acesso em: 29 jul. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

FONDAZIONE GIULIA CECCHETTIN. *Fondazione Giulia Cecchettin*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://fondazionegiulia.org/. Acesso em: 29 jul. 2026.

FONDAZIONE GIULIA CECCHETTIN. *Non è amore se ti fa stare male: capire, prevenire, intervenire: breve guida alle relazioni sane*. [S. l.], 2026. Disponível em: https://fondazionegiulia.org/wp-content/uploads/2026/03/Non-e-amore-se-ti-fa-star-male.pdf. Acesso em: 29 jul. 2026.

SILVA, Adriana Alves; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (org.). *Isso aí é machismo! Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas:* transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 257 p. ISBN 978-85-7993-722-4.

VIANNA, Cláudia P. Entrevista. DAL'IGNA, Maria Cláudia e SCHERER, Renata Porcher. Entrevista. Gênero: conceito capaz de apreender a construção social e histórica das relações sociais. *Revista Diversidade e Educação,* v. 8, n. l, p. 7-24, Jan./Jun. 2020.